



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM
CURSO DE LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA

MARIA EDUARDA LIMA CAMPOS

RAIANE GONÇALVES DOS SANTOS

**CORPO FERIDO E A *PLANTA* QUE CURA: UM ESTUDO DO CONTO “ANIS”, DE
MONIQUE MALCHER**

ACARÁ/PA
2026

MARIA EDUARDA LIMA CAMPOS

RAIANE GONÇALVES DOS SANTOS

**CORPO FERIDO E A *PLANTA* QUE CURA: UM ESTUDO DO CONTO “ANIS”, DE
MONIQUE MALCHER**

Trabalho de Curso apresentado à Faculdade de Ciências da Linguagem, do Campus Universitário de Abaetetuba, da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado(a) em Letras – Habilitação em Língua Portuguesa.

Orientador(a): Dr(a). Luís Heleno Montoril del Castelo

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

C198c Campos, Maria Eduarda Lima.
Corpo ferido e a planta que cura: um estudo do conto "Anis",
de Monique Malcher / Maria Eduarda Lima Campos, Raiane
Gonçalves Dos Santos. — 2026.
xxxii, 32 f.

Orientador(a): Prof. Dr. Luís Heleno Montoril Del Castilo
Trabalho de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Pará,
Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de Língua Portuguesa,
Abaetetuba, 2026.

1. Literatura contemporânea. 2. Escrita feminina. 3.
Monique Malcher. 4. Flor de gume. I. Santos, Raiane
Gonçalves Dos. II. Título.

CDD 869.9098115

MARIA EDUARDA LIMA CAMPOS
RAIANE GONÇALVES DOS SANTOS

**CORPO FERIDO E A *PLANTA QUE CURA*: UM ESTUDO DO CONTO “ANIS”, DE
MONIQUE MALCHER**

Trabalho de Curso apresentado à Faculdade de Ciências da Linguagem, do Campus Universitário de Abaetetuba, da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado(a) em Letras – Habilitação em Língua Portuguesa.

Data da aprovação: 06/03/ 2026

Conceito: EXCELENTE

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Luís Heleno Montoril del Castilo – Universidade Federal do Pará
(Orientador)

Prof. Dr. Josiclei De Souza Santos – Universidade Federal do Pará
(Membro Interno)

Profª. Dra. Roberta Isabelle Bonfim Pantoja
(Membro Externo)

Dedicamos este trabalho às mulheres que, marcadas pela violência desde cedo, transformaram suas dores em resistência e o silêncio em sobrevivência.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por toda a força, proteção e amparo concedidos durante este período de formação. Sou grata por iluminar meus caminhos e por colocar em minha vida pessoas incríveis.

Agradeço, com profundo carinho, à minha avó Elizete Campos, minha segunda mãe, que sempre me incentivou desde muito nova. Foi ela quem, com paciência e dedicação, fez o possível para me ensinar a ler e a escrever. Mulher guerreira, exemplo de perseverança, tornou-se minha maior inspiração de força, luta e coragem.

À minha mãe, Ana Cláudia Lima, minha confidente e porto seguro, que jamais mediu esforços para me ajudar nesta jornada. Cada abraço, palavra de conforto e gesto de carinho foram fundamentais para que eu seguisse firme mesmo diante das dificuldades. Sou imensamente grata pelo apoio incondicional, pela compreensão e pelo amor que sempre me sustentaram.

Ao meu pai, Sidicley Campos, agradeço por todo o apoio, conselhos e incentivo constante ao longo dessa trajetória. Estendo também minha gratidão à sua esposa, Gizelly, pelas palavras de carinho, sabedoria e encorajamento que muito contribuíram para meu crescimento pessoal.

Agradeço à minha amiga e parceira de trabalho, Raiane Gonçalves. Unidas desde nosso primeiro trabalho em sala, construímos não apenas uma parceria acadêmica, mas uma amizade verdadeira. A faculdade me presenteou com sua companhia, que pretendo levar para toda a vida, marcada por apoio mútuo e companheirismo.

Às minhas amigas Nayra, Roseli, Michelle e Allana, agradeço por todos os momentos especiais vividos na faculdade e fora dela também, pelas conversas, risadas e apoio nos dias difíceis. Vocês tornaram essa jornada mais leve, significativa e inesquecível.

À turma de 2021, minha sincera gratidão pelo espírito de união, cooperação e solidariedade. Sempre estivemos dispostos a ajudar uns aos outros, compartilhando conhecimentos e experiências.

A todos os docentes que ministraram aulas ao longo do curso, agradeço pelos ensinamentos, orientações e contribuições acadêmicas que levarei para a vida inteira. Em especial, ao professor Dr. Luís Heleno Montoril Del Castilo, nosso orientador, pela paciência, dedicação e generosidade na troca de conhecimentos. Sua orientação foi fundamental para a realização deste trabalho e para meu crescimento intelectual.

(Maria Eduarda Lima Campos)

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, fonte de toda sabedoria e fortaleza, por ter me sustentado ao longo desta caminhada.

À minha mãe, Miriã Matias, minha base, meu abrigo e minha maior inspiração. Seu amor incondicional, suas orações silenciosas e seu incentivo incansável foram a luz que iluminou meus passos. Se hoje chego até aqui, é porque suas mãos sempre estiveram estendidas para me levantar e seu coração sempre acreditou em mim, até mesmo quando eu duvidava. Foi você quem me ensinou que a educação é o caminho mais digno e transformador.

Ao meu pai, João Carlos dos Santos, pelo apoio constante e pelo orgulho demonstrado em cada etapa dessa jornada. Sua alegria em me ver estudar e seguir a profissão que escolhi fortaleceu minha determinação. Saber que eu tinha sua confiança e seu incentivo foi essencial para que eu nunca desistisse.

Aos meus irmãos, Taise Santos e João Vitor Santos, pelo carinho, pelas palavras de apoio e pela presença firme ao meu lado. O amor e a união da nossa família foram combustível para que eu seguisse em frente.

À minha amiga e parceira Maria Eduarda, companheira desde o primeiro trabalho até o último. O que começou com um simples encontro entre colegas transformou-se em um verdadeiro encontro de almas. Sua presença tornou essa experiência inesquecível.

Ao professor e orientador Luís Heleno Montoril Del Castilo, que aceitou o desafio de nos orientar com dedicação e compromisso. Sempre solícito, paciente e disposto a esclarecer cada dúvida, suas orientações foram fundamentais na construção deste trabalho e na minha formação acadêmica.

Às minhas parceiras de curso, Michelle, Nayra e Allana, presentes que a faculdade me deu. A amizade e o companheirismo tornaram essa trajetória incrível.

À turma de Letras - Acará (2021), pequena em número, mas grande em união.

Por fim, a todos os mestres e doutores que, ao longo desses cinco anos, dedicaram-se a plantar em nós sementes de conhecimento. Levo comigo cada ensinamento, certa de que continuarei multiplicando tudo o que aprendi com cada um.

(Raiane Gonçalves dos Santos)

“As mulheres são sonhadoras”, dizem os homens.

As mulheres são sonhadoras, sim. Sonham em ser amadas, em ter uma vida mais palpitante, em participar, em ser alguém.

A Nova Mulher, Marina Colasanti

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar o conto “Anis”, da escritora paraense Monique Malcher, que faz parte da obra *Flor de Gume* (2020), buscando compreender de que maneira a narrativa literária representa e denuncia experiências de violência vivenciadas no espaço doméstico, além de mostrar as memórias marcadas por opressão, abusos e traumas silenciados que atravessam a infância e adolescência de mulheres. A narrativa do conto é um relato íntimo que aborda as marcas profundas deixadas por uma infância marcada por abusos e violência. Em razão disso, este estudo se torna um importante trabalho da literatura contemporânea da Amazônia, pois a autora está levando sua obra e as narrativas de vivências de mulheres dessa região ao cenário nacional. A pesquisa aborda opressões, violências, memórias traumáticas e conflitos familiares, mas também evidencia processos de resistência e reconstrução. A escrita assume, nesse contexto, uma função terapêutica e política, ao transformar a dor em linguagem e romper com o silêncio imposto socialmente às mulheres.

Palavras-chave: literatura contemporânea; trauma; escrita feminina; Monique Malcher, *Flor de gume*

ABSTRACT

This study aims to analyze the short story “Anis,” by the Pará-born writer Monique Malcher, included in the book *Flor de Gume* (2020), seeking to understand how the literary narrative represents and denounces experiences of violence within the domestic sphere. The story presents intimate memories marked by oppression, abuse, and silenced traumas that permeate women’s childhood and adolescence. The narrative unfolds as a personal account that exposes the deep scars left by a childhood shaped by violence and emotional suffering. In this sense, the study contributes to contemporary Amazonian literature by highlighting narratives that bring women’s lived experiences from this region to the national literary scene. The research addresses oppression, violence, traumatic memories, and family conflicts, while also emphasizing processes of resistance and subjective reconstruction. Writing, in this context, assumes both a therapeutic and political function, transforming pain into language and breaking the silence historically imposed on women.

Keywords: contemporary literature; trauma; women’s writing; Monique Malcher; *flor de gume*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 As Marcas do Trauma e da Violência na Subjetividade Feminina.....	14
2 “Anis”: O contraste entre a beleza de sua cor e perfume, diante do amargor da agressão.....	18
3 Música “segue o seco” Marisa Monte e Carta de Tarô : Destino e Resistência.....	21
4 Recordações e feridas: O papel da memória no conto “Anis”.....	24
CONCLUSÃO.....	29
REFERÊNCIAS	31

INTRODUÇÃO

A literatura da amazônia tem ganhado espaço na literatura brasileira, isso trouxe voz aos escritores da região norte, trazendo com eles a cultura, culinária e narrativas ricas dessa localidade. Entretanto, ainda se tem uma certa invisibilidade das obras feitas por autores da região. Especificamente na invisibilidade de autoras femininas, pois, diante de uma sociedade patriarcal, onde o poder e autoridade estão concentrados nas mãos dos homens a invisibilidade feminina prevalece. Maria Rita Kehl aborda, na obra *Deslocamento feminino* (2016), o padrão de feminilidade imposto às mulheres, em que o papel não é apenas vincular a mulher ao homem, mas sim prendê-la ao espaço doméstico. Logo, o destino das mulheres historicamente esteve nas mãos de um espaço privado “homens e o lar” e esse modelo de feminilidade ainda persiste até nos dias de hoje. Diante disso, mulheres que fogem desse padrão de feminilidade, tendem a sofrer repreensão, e no meio literário, onde homens dominaram por muito tempo, as autoras femininas ainda sofrem desigualdade de gênero, pois não é esperado nos padrões de feminilidade que mulheres estejam nesses espaços, dando voz às lutas muitas vezes silenciadas. Com isso, trazer uma autora nortista que está em evidência no cenário da literatura contemporânea nacional com suas obras, é extremamente importante diante da invisibilidade que as autoras da Amazônia ainda enfrentam.

Monique Malcher é uma escritora, artista plástica e jornalista paraense, ela se tornou uma das grandes vozes femininas da literatura contemporânea paraense, nasceu em Santarém, no interior do Pará. Em 2021, foi a segunda mulher nortista a ganhar com sua obra *Flor de Gume* a mais tradicional premiação da literatura nacional, o Prêmio Jabuti, o livro reúne diversos contos com várias narrativas de gerações de mulheres, em 2025 lançou seu primeiro romance, *Degola*, pela editora Companhia de Letras. A escrita de Malcher coloca em evidência as narrativas femininas, mostrando suas lutas, dores e representação, levando a literatura contemporânea da Amazônia ao cenário nacional, trazendo visibilidade a escritoras fora do eixo sul/sudeste. O fato de ser a segunda mulher nortista a conquistar o prêmio Jabuti, mostra a invisibilidade das autoras femininas amazônicas no campo da literatura nacional, a autora rompe com o silêncio imposto a autoras do norte, sua escrita é fortemente marcada pelos símbolos, rios, floresta, religiosidade. A autora também traz em suas narrativas o corpo feminino, o silêncio e a violência cotidiana que mostram uma face da realidade vivida por mulheres. Em sua obra *Flor de Gume* (2020), ela retrata o modo de ser amazônico não como exótico, mas como um universo complexo, que une dor, força, ancestralidade e afeto. Ela

ajuda a desconstruir os estereótipos folclóricos e superficiais sobre a Amazônia, oferecendo uma narrativa autoral, sensível e crítica.

Dessa forma, o estudo do conto Anis, presente no livro Flor de Gume, se torna um importante trabalho da literatura contemporânea da Amazônia, pois a autora está levando sua obra e as narrativas de vivências de mulheres dessa região ao cenário nacional, sua obra literária aborda temáticas como violência, traumas, resistência e memórias sob a perspectiva feminina. Nesse contexto, a obra reúne contos marcados por narrativas que evidenciam as vivências de mulheres amazônicas.

“Anis” é um conto que traz uma narrativa forte e melancólica sobre a narradora, além disso, o conto revela-se um material profundo para reflexões de uma sociedade patriarcal, pois aborda temas sensíveis vivenciados por mulheres como traumas, memórias, silêncio, resistência e cura. O próprio título do conto vem como um elemento simbólico, ao olhar o significado, nota-se que é uma planta que quando usada para fins medicinais tem poder calmante, olhando para o conto, o título pode vir como uma representação das experiências femininas que passaram por violências e traumas podendo haver possibilidade de superação e cura.

Este trabalho tem como objetivo interpretar de forma crítica o conto “Anis”, em que Malcher traz narrativas que evidenciam dores, silêncio, traumas, violências e a luta constante de sobrevivência, ademais o conto vem como um símbolo de luta, memória e cura. Além disso, compreender como as escritoras utilizam a literatura para denunciar suas dores, pois essas temáticas devem ser cada vez mais exploradas, visto que vivemos em um país marcado por essas questões. Então, a abordagem deste livro é relevante porque a obra projeta questões que estão presentes na nossa sociedade, como violência patriarcal e opressão de gênero, e nos leva a refletir criticamente as injustiças que ocorrem em nosso meio, principalmente em relação às mulheres. Logo, interpretar esse conto traz debates de como a literatura pode ser uma forma de demonstrar resistência, através de construções de autorias femininas. Além de ampliar os diálogos na literatura contemporânea sobre o direito das mulheres e outras lutas sociais.

Esse estudo tem como abordagem qualitativa, a busca por compreender os significados simbólicos, estéticos e socioculturais da narrativa. Trata-se de uma pesquisa de caráter bibliográfico, pois se baseia em estudos teóricos e críticos que abordam a literatura contemporânea, a escrita, a representação do corpo e da identidade feminina.

Para a pesquisa, são utilizados livros, artigos e textos acadêmicos que falam sobre a literatura como um espaço de resistência e construção simbólica das mulheres, buscando

relacionar as bases teóricas ao conto que foi escolhido como base para a interpretação. O presente trabalho está dividido nas seguintes etapas: apresentar uma leitura crítica com o objetivo de identificar os principais elementos narrativos, temáticos e simbólicos da obra; leitura interpretativa, com foco na representação do corpo feminino, destacando trechos do conto que mostram as dores, memórias e a resistência narradas; levantamento bibliográfico de autores que abordem crítica feminista, estudos de gêneros, entre outros para fundamentar a pesquisa, são eles: Ana Suy Sesarino Kuss (2015), Bell Hooks (2018), Clarissa Pinkola Estés (1994), Colette Soler (2002), Lise Baurbeau (2017), Maria Rita Kehl (2016), Pierre Bourdieu (2002), Rebeca Solnit (2017), Sigmund Freud (2012), Simone Beauvoir (2009), Valeska Zanello (2022).

O presente trabalho é dividido em quatro capítulos, o primeiro trata do trauma vivenciado pela narradora durante a infância e adolescência, bem como das marcas deixadas por essas experiências em sua subjetividade, evidenciando que essas vivências e relações traumáticas contribuem para a construção de sua identidade. O segundo capítulo tem como foco a dominação masculina principalmente no âmbito familiar, baseado nos relatos voltados à figura paterna narrada pela autora no conto. Com isso buscando refletir neste capítulo a opressão e violência sofrida pelas mulheres dentro de casa, e a forma como a sociedade espera que a figura feminina seja (delicada, agradável, submissa) mesmo em meio às adversidades enfrentadas em seu seio familiar.

No terceiro capítulo, aborda a relação entre a carta de tarô e a música presente no conto, fazendo possíveis interpretações, explorando cada parágrafo e os seus significados profundos, acerca do trauma internalizado e a resistência. Está presente também neste capítulo a validação masculina e os impactos na vida de algumas mulheres.

O quarto e último capítulo dedica-se às interpretações das memórias expressas no conto. Ao longo da narrativa, emergem diversas lembranças e recordações, tanto positivas quanto negativas, que se manifestam de forma recorrente. Tais memórias desempenham um papel fundamental na construção do enredo e na compreensão de vida da narradora.

1. As Marcas do Trauma e da Violência na Subjetividade Feminina

[...] *O silêncio é o oceano do não dito, do indizível, do reprimido, do apagado, do não ouvido.*

Rebecca Solnit, *A mãe de todas as perguntas*

“Anis” é um conto presente no livro de *Flor de Gume*, de Monique Malcher, que traz uma voz feminina narrando suas lembranças e traumas dirigidos a um homem/agressor. Por meio de lembranças, a narradora relata sensações, ações e memórias traumáticas que vem carregando desde a infância. No conto, a narradora vivencia situações de violência física, psicológica e experiências traumáticas vivenciadas na infância e adolescência levando essas dores para vida adulta. Bourbeau (2017, p. 11) discorre sobre a criação das máscaras para camuflar as cinco feridas básicas vividas pelo ser humano. Para buscar proteção contra essas feridas, especialmente na quarta fase do processo, a autora descreve a criação das máscaras, que são as personalidades que surgem como mecanismo de defesa do ser humano¹. Diante disso, torna-se visível no conto o uso das “máscaras” para lidar com traumas vividos pela narradora na infância, as quais ela usa como um escudo de defesa para lutar contra os sentimentos internos, relacionados à figura do pai (agressor). Em “Anis”, a narradora vive em alerta, mais do que as lembranças dos traumas passados que ainda carrega na vida adulta, é a permanência da sensação de ameaça que ela ainda espera vindo do pai, observa-se em trechos retirados do conto, na qual ela afirma esperar “*o chute na costela, o tapa na cabeça, o soco na barriga*”, revelando que o corpo e a mente permanecem em estado de alerta constante. Com base no pensamento de Freud, Soler (2002, p. 16) argumenta: “[...] A situação de perigo supõe que o sujeito tenha experimentado uma situação traumática e depois de experimentar isso, podemos dizer que ele antecipa o retorno da situação [...]”. Nesta passagem, Soler (2002) retoma a elaboração freudiana que distingue a situação traumática da situação de perigo, a angústia nesse contexto não se refere a algo que já ocorreu, porém como um sinal que o trauma pode aparecer a qualquer momento. Como a autora argumenta que a situação de perigo faz com que o sujeito que sofreu um trauma, passe a temer que aquilo se repita. A situação de perigo, segundo estudos Freudianos, não é mais um trauma em si, mas a

¹ Lise Bourbeau, na obra *As Cinco Feridas Emocionais* propõe que o desenvolvimento psicoemocional da criança ocorre em quatro fases, depois de passar por essas fases, ocorre a construção de uma nova personalidade, marcada pela formação de “máscaras”, compreendidas como mecanismos de defesa para evitar o sofrimento já experimentado. (Feridas/Máscara) 1- Rejeição/Escapista 2- Abandono/Dependente 3- Humilhação/Masquista 4- Traição/Controlador 5- Injustiça/Rígido.

antecipação dele surge como um mecanismo de defesa, fazendo com que a vítima fique em estado de alerta dentro das possibilidades de reviver a experiência traumática. Essa teoria mostra como, em “Anis”, a narradora não vive apenas com lembranças de violências sofridas, mas vive com o medo de repetição. Assim a angústia não é apenas um sentimento de sofrimento, mas também trabalha como uma função protetiva de sempre esperar uma agressão como um sinal de alerta. Solnit (2017, p. 28) argumenta sobre a necessidade masculina de controlar as mulheres por meio da violência. Diante do exposto, Solnit identifica uma cultura que naturaliza o controle masculino. O Pai, em “Anis”, mostra ser essa figura de poder, que anula a possibilidade de afeto, transformando a infância e a vida adulta da narradora em um espaço de medo e ressentimento, que a impede de ser ela mesma pois criou uma máscara de proteção como Bourbeau declara.

Na primeira parte do conto, Malcher (2020, p. 68) traz uma pergunta marcante: “Caso me matasse, será que mataria você junto?”, a narradora expressa como a violência se mistura entre a dor particular e o corpo do agressor, associando o seu desejo de morte à necessidade de aniquilar essa figura. A pergunta inicial já sugere esse dilema: A morte da narradora não teria sentido, se não implicasse na eliminação daquele que lhe causa sofrimento, percebe-se como essa experiência de violência vivenciada, são efeitos psicológicos que surgiram na infância, e através das cinco feridas relatadas por Bourdieu (2017) compreende-se, como a rejeição, abandono, humilhação, traição e injustiça vivenciadas na infância causam dores ao ponto do desejo da autora ser a morte do genitor. Essas feridas fazem com que a narradora, ao invés de buscar proteção e amor naquele que a deveria proteger, busca aniquilar sua existência para poder “descansar” em paz. Malcher (2020, p. 68) traz em dois trechos uma linguagem de decomposição que descreve os *“dentes amolecendo, unhas caindo, o corpo sem energia”* que constroem uma imagem de um corpo masculino em processo de degradação, esse corpo em ruína traz em si um símbolo de destruição de um vínculo abusivo, onde a presença do outro é vivida como uma prisão. Malcher desconstrói a figura de autoridade paterna e denuncia a violência sofrida através da desumanização do outro. A narradora expressa o desejo de ver a ruína daquele que a violentou. Esse processo de desgaste, simbolizado pela narradora, conecta-se com o pensamento de Solnit (2017, 28) sobre o fato de homens acreditarem que têm o direito e a necessidades de controlar mulheres, seja por meio da violência ou por outros meios. Essa degradação do corpo masculino imaginado pela autora, funciona como uma metáfora para colapsar o sistema de crenças ao patriarcado. Solnit (2017, p 28) argumenta sobre os sistemas de crenças que adotam e sobre a cultura em que vivemos. Ou seja, ao

projetar no agressor essa decomposição, a narradora denuncia não apenas a violência individual, mas toda uma cultura patriarcal que legitima o controle masculino e aprisiona mulheres em ciclos de dor e trauma. Malcher (2020, p. 68), ao afirmar que “tudo que saísse de podre de você iria ser parte de mim aprisionada nesses anos” expressa como a violência não se encerra no ato em si, mas se prolonga em sua subjetividade, impregnado em sua memória e no seu corpo. Trata-se de uma situação traumática que se mantém ligada ao agressor, mesmo contra a sua vontade essa violência em si permanece em sua memória, refletindo na dificuldade de romper os laços de poder imposto pela estrutura patriarcal. Nesse sentido, a experiência narrada aproxima-se da reflexão de Hooks (2018, p. 58) sobre uma cultura de dominação, onde todos são socializados para enxergar violência como um meio aceitável de controle social. Essa opressão faz com que essa violência seja internalizada, essa subjetividade faz com que mulheres sejam condicionadas a carregar os resquícios dessa opressão mesmo após o fim do ato violento, a literatura de Malcher evidencia esse aprisionamento, mas também confronta ao transformá-lo em crítica. Esse trecho mostra como o conto *Anis* dialoga com reflexões feministas que compreendem como essa estrutura patriarcal é um fenômeno estrutural. Malcher ao transformar a dor em narrativa literária cria uma tradição de resistência que confronta essa cultura patriarcal ao mesmo tempo que denuncia a permanência da violência no corpo e na subjetividade das mulheres.

Se for assim, me ensina esse negócio de se matar? A gente escolhe aqui a forma mais rápida e menos trabalhosa, quero morrer fácil e rápido, a gente faz esse contrato, fecha no cartório, que tal? Você também iria falsificar essa assinatura? Você é bom pra caramba nessas tramoias, vai ficar tentado assinar por mim, né? (Malcher, 2020, p. 68)

Na frase de abertura deste trecho, observa-se, que segue uma linha perturbadora, na qual, revela marcas de dor e desespero, o trecho passa um sentimento de que a narradora tenta amenizar as dores através da ironia, são as nuances de esconder as dores atrás de ironia. Quando Malcher narra: “[...] Se for assim, me ensina esse negócio de se matar? A gente escolhe aqui a forma mais rápida e menos trabalhosa, quero morrer fácil e rápido” [...], nota-se que a narradora não apenas expressa vontade de morrer, mas busca sucesso rápido no ato, o que evidencia um estado de sofrimento em que a morte é vista como a solução do problema. A tese freudiana da neurose traumática, abordada por Soler (2020, p. 16) revela que esse desejo de morte pode ser lido como uma situação final traumática de desamparo vivido ao longo da vida pela narradora, o desespero para morrer fácil e rápido revela o aumento da excitação corporal, ao mesmo tempo que apresenta o cansaço de lutar por algo ou o medo de uma morte dolorida, que leva à reflexão de sofrimentos vividos em vida. A ironia amarga da

narradora ao propor um “contrato” para formalizar a morte, pode ser compreendida a uma crítica à violência simbólica, abordada por Bourdieu:

Violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou do desconhecimento, do reconhecimento ou, última instância, do sentimento. (Bourdieu, 2002, p.7)

Essa passagem pode ser vista como a narradora vive em dominação simbólica, visto que, até o desespero dela é moldado por estruturas que a oprimem. Quando a personagem tenta impor uma legalização ao suicídio, quando ela narra sobre levar o ato ao “cartório”, observa-se uma crítica às instituições: família, justiça e sociedade que falharam em proteger a vítima, ao mesmo tempo que mostra que mulheres buscam validações até para morrer em uma sociedade patriarcal. Nota-se, que o “contrato” com a morte não é apenas ironia descrita pela narradora, mas sim um simbolismo da violência institucional descrita por Bourdieu. A narradora denuncia um sistema que burocratiza até o sofrimento, mostrando que, para a mulher, nem o gesto de morrer escapa ao controle patriarcal da sociedade.

2. “Anis”: O contraste entre a beleza de sua cor e perfume, diante do amargor da agressão .

[...] Para todos os que sofrem de complexo de inferioridade, há nisso um linimento milagroso: ninguém é mais arrogante em relação às mulheres, mais agressivo ou desdenhoso do que o homem que duvida de sua virilidade

Simone Beauvoir, *O Segundo Sexo*

A violência doméstica aparece através da dominação da figura masculina que está presente no conto, para adentrarmos de forma mais profunda e proporcionar reflexões em torno dessa temática. Primeiramente, o contraste do perfume e também da doçura do “Anis” título do conto que pode estar se referindo à figura feminina (mulher delicada, gentil), com o amargor da agressão descrita de forma explícita pela autora. Referente a isso, como citado acima sobre a dominação masculina, exposta por Bourdieu (2002), na qual ele explica que a dominação masculina é mantida pela violência simbólica, que naturaliza e legitima papéis de gênero. Essa construção faz com que a mulher seja socializada para ser “delicada” e “agradável”, assim como o perfume do anis representando a docilidade que a sociedade espera dela mesmo quando enfrenta situações de violência ou agressão. Logo o seguinte trecho representa essa violência que as mulheres sofrem principalmente de figuras familiares (marido, pai..) .

Lembra daquele dia? Tinha dez anos, você sorriu pra mim, estava dentro do meu quarto ouvindo música no fone, não escutei você chamar, segurou minha mão, me levantou com um puxão que quase deslocou meu braço, e a Marisa Monte cantando segue o seco sem sacar que o caminho é seco sem sacar que o espinho é seco sem sacar que seco é o ser sol sem sacar que algum espinho seco secará e a água que sacar será um tiro seco e secará o destino secará e você chuta minha costela, grito “para!” e você continua e agora a Marisa canta distante, só de um lado do fone partido”. (Malcher, 2020, p. 69, 70).

Nota-se a figura do pai como homem da “casa” que deve ser honrado e respeitado, claramente como o ser dominante. Referente a isso, Hooks (2018) declara: “A violência patriarcal em casa é baseada na crença de que é aceitável que um indivíduo mais poderoso controle outros por meio de várias formas de força coercitiva” e isso é visto com clareza no conto. Ao simples sinal de “desrespeito” visto pelo pai, logo vira o “motivo” de agressão física apresentado na seguinte passagem “[...] estava dentro do meu quarto ouvindo música no fone, não escutei você chamar, segurou minha mão, me levantou com um puxão[...], é possível observar a pessoa em um momento íntimo, em um ambiente seguro (seu quarto), onde até mesmo a música representa esse lado mais interno da narradora, a música não é

apenas a trilha sonora desse momento, ela simboliza a tentativa da menina de se proteger no próprio mundo, música essa que foi composta por Carlinhos Brown e interpretada por Marisa Monte, fazendo parte do álbum *Verde, Anil, Amarelo, Cor-de-Rosa e Carvão*, tema esse que faz relação a um mosaico de cores que representam tanto a diversidade quanto às contradições do Brasil, cores como verde, anil e amarelo, retratando as cores da bandeira do país, cor de rosa remetendo ao delicado, afetivo, íntimo e por fim o Carvão referente a pesado, a árduo, ao lado escuro das narrativas sociais, às lutas, desigualdades, e violência, fazendo uma grande ligação com o conto, pois também é possível observar o contraste das cores que podem ser “sentidas” e imaginadas ao longo da leitura, principalmente com esse trecho demonstrando de um lado a segurança, um lugar de conforto pessoal, remetendo a cores calmas e alegres como branco, azul, lilás, podendo até mesmo ser como uma manhã bonita de verão, mas logo em seguida em contraste com a leitura que vai ficando agonizante, “puxando” para cores como o cinza, azul escuro: como de um céu nublado, representado pela violência doméstica sofrida nesse cenário “[...] você chuta minha costela, grito “para!” e você continua[...]” e então finalizando com a mistura da música e violência uma vez que o fone é partido mas ela ainda consegue ouvir a canção mas agora também o som de tapas e de seus próprios gritos . Situações como essas são cada vez mais vistas e noticiadas em nosso cotidiano, uma vez que, em situações diversas, as mulheres são agredidas, por causa de coisas mínimas do dia a dia, e quando decidem se revoltar e lutar contra essa violência, ainda sofrem preconceitos, visto como “histerias” femininas, sobre isso Kehl (2002, p. 16) argumenta:

Como não pensar, por exemplo, na mãe de Dora e sua ‘psicose doméstica’, encerrada nos limites do mundo e da célula familiar? A histerização do corpo da mulher a que Foucault se refere é produzida por um discurso consistente cuja função é indicar às mulheres um único lugar – a família – de acordo com sua verdadeira natureza, a feminilidade.(p. 16)

Kehl com base nos pensamentos de Michel Foucault, explica que, ao longo da história, o corpo da mulher foi controlado e esse processo de “histerização” que significa transformar a mulher em um objeto de cuidado, atenção e vigilância, como se seu corpo fosse frágil, perigoso ou precisasse de constante controle. Todo esse discurso advém do meio social e cultural, visto que mulheres são atribuídas a um único papel: esposa, mãe e cuidadora ou professoras. Fora isso, não são figuras que devem estar presentes em meios como por exemplo, políticos, profissionais (principalmente dos que são mais ocupados por homens) entre outros, indicando a opressão que mulheres vivenciaram ao longo dos anos, até os dias atuais. Não podemos deixar de mencionar diante desse cenário o tabu que envolve o corpo e

os desejos femininos, diante dessa sociedade patriarcal, qualquer ato por parte das mulheres fora dos padrões de uma mulher “cultu”, “reservada”, conseqüentemente geram “rótulos” á figura feminina, sendo vista como “depravada”, “mulher da vida” entre outros. Bourdieu (2002, p. 26) argumenta:

É igualmente através da divisão sexual dos usos legítimos do corpo que se estabelece o vínculo (enunciado pela psicanálise) entre o falo e o lógos: os usos públicos e ativos, de parte alta, masculina, do corpo - fazer frente a, enfrentar, frente a frente (qabel), olhar no rosto, nos olhos, tomar a palavra publicamente - são monopólio dos homens; a mulher, que, na Cabília, mantém-se afastada dos lugares públicos, deve de algum modo renunciar a fazer uso público do próprio rosto e de sua palavra (ela anda em público com os olhos baixos, voltados para os pés, e a única expressão que lhe convém é "eu não sei", antítese da palavra viril, que é afirmação decisiva, cortante, ao mesmo tempo que refletida e calculada). (p. 26).

Bourdieu (2002) traz como exemplo a cultura e costume vividos pelas pessoas que moram na Cabília, sociedade marcada culturalmente pelo androcêntrico, onde o masculino e o feminino se diferenciam na forma de uma oposição e de uma assimetria: o masculino é visto como hierarquicamente superior ao feminino e é construído contra e em relação a este, o que nos leva a refletir que até o modo de usar o corpo é dividido por gênero. Certos gestos, posturas e ações são considerados legítimos para os homens (olhar no olho, falar em público) enquanto às mulheres é esperado que se comportem de forma discreta, recatada, silenciosa. A fala masculina é descrita como decisiva, cortante, associada à autoridade a fala feminina, por outro lado é negada ou reduzida a expressões de dúvida ou passividade. Diante disso as mulheres ainda sofrem opressões (físicas e psicológicas), ao longo da história da nossa sociedade até os dias atuais, até mesmo em países cujos discursos são de que as mulheres tem sua liberdade de expressão e do modo como querem viver, é notável que isso não se aplica na realidade, uma vez que seu corpo, desejos, comportamentos são moldados diante da sociedade patriarcal em que vivemos.

3. Música “segue o seco” Marisa Monte e Carta de Tarô : Destino e Resistência.

[...] *Histórias salvam a sua vida. Histórias são a sua vida. Nós somos as nossas histórias, que podem ser a prisão e o pé de cabra que vai arrombar a porta*

Rebecca Solnit, *A mãe de todas as perguntas*

No presente conto, é possível identificar a presença de dois tipos de gêneros intertextuais diferentes : a carta de tarô e a música “*segue o seco*”, canção composta por Carlinhos Brown, e Cantada por Marisa Monte trazendo mais significado ao conto e fazendo uma possível ligação com o destino e a resistência ficcionais abordados pela autora. Sendo assim, o intertexto se faz presente no conto, uma vez que:

Podemos depreender que, *stricto sensu*, a intertextualidade ocorre quando, em um texto, está inserido outro texto (intertexto) anteriormente produzido, que faz parte da memória social de uma coletividade”. (KOCH e ELIAS, 2010. p. 26).

A presença desses dois tipos de gêneros, instiga e provoca na busca do porque a autora inseriu os dois em seu conto , de modo que leva a interpretação de que ela pode estar fazendo uma relação entre destino (tarô) e a resistência (Canção *segue o seco*) com sua narrativa de vida marcada pela violência e opressão. A música “segue o seco” retrata tanto nas imagens “seca do sertão”, quanto na letra que tem como significado um território castigado pela seca, de um povo que segue resistindo apesar da falta de água, sendo nesse contexto símbolo de vida e de renovação. A canção se faz presente na seguinte passagem do conto, “[...] me levantou com um puxão que quase deslocou meu braço, e a Marisa Monte cantando segue o seco sem sacar que o caminho é seco sem sacar[...]”. Observa -se, que a narradora apresenta uma lembrança da infância, pois ela inicia esse trecho da seguinte forma, “[...] Lembra daquele dia? Tinha dez anos[...]” onde ela relata uma memória que viveu ainda criança, e está ouvindo a música em seu quarto, esse cenário sugere um espaço íntimo e seguro. A música de Marisa Monte (*Segue o Seco*) reforça esse ambiente interno, funcionando como trilha sonora e proteção simbólica, no momento em que ocorre a agressão por parte do pai, se tem a quebra desse espaço que antes era seguro e interno, mas agora dilacerado pela agressão. A música, que antes preenchia o espaço, continua tocando, mas o sentido da letra passa a dialogar com a cena: "o caminho é seco", "o espinho é seco", retratando dor, brutalidade, como se a própria canção comentasse a experiência traumática. O fone partido é um símbolo poderoso que representa o rompimento definitivo do refúgio e da proteção da música, o que antes era uma experiência sensorial de prazer vira uma trilha sonora alterada e distante para a própria

violência. No final desse trecho, a narradora diz “foi um dos meus velórios” significando a morte da autora de forma subjetiva, uma experiência de quase morte(interna), rompendo com uma parte de sua identidade, nem mesmo o grito em forma de pedido é ouvido, sendo assim silenciado, pela violência física e psicológica ao qual sofreu ao longo da sua infância, e em meio a esse cenário assim como da música que apresenta luta, mas há também resistência, o que remete muito bem o que a autora narrou em seu conto “Anis”, pois ela resiste e busca se curar, procurando viver sua vida apesar das dores do passado: “[...] Estava no consultório da terapia e o barulho do meu joelho impaciente irritava a secretária[...]”, uma das duas passagens do texto que leva a entender que a narradora está fazendo terapia, ou seja, está querendo curar o seu trauma procurando ajuda especializada, nota-se que ela ainda vive conflitos internos, entre eles o fato de se sentir um ser humano ridículo por ter desejado o amor de seu pai de forma consciente e inconsciente. Sobre isso Zanello (2022) faz reflexões acerca de como muitas vezes o valor das mulheres depende de ser escolhida e amada, independente de quem as escolha, e quando isso não ocorre, ficam emocionalmente frágeis e dependentes da validação masculina. Retratando exatamente o que ocorre com a narradora e dando visibilidade às demais mulheres que sofrem com o fato de não se sentirem escolhidas (seja pelo parceiro, pela mãe ou pai), e conseqüentemente se sentem insuficientes, e diante da oportunidade de se sentir validada, acaba por aceitar qualquer tipo de relação, mesmo que não a tratem bem, apenas para não se sentirem “sozinhas” ou “rejeitadas”, remetendo a relações ruins e desiguais, seja em relacionamento, amizade ou até mesmo na família. Com isso, menciona também que ela está morrendo mas ao mesmo tempo renascendo, o que remete que aos poucos essa parte do seu passado está morrendo e renascendo uma nova mulher, que está reconstruindo sua cura e liberdade de “tijolo por tijolo” ou seja construindo aos poucos, com paciência e constância.

No trecho em que a narradora afirma que “a carta da raposa do tarô” espera para atacá-la quando fecha os olhos, pode-se perceber uma mistura de imagens simbólicas com a experiência física e emocional da narradora nos seguintes trechos “às vezes, ainda espero o chute na costela, o tapa na cabeça, o soco na barriga, o chute no cu”, mesmo com a morte de seu pai relatada no início do conto, a narradora ainda aguarda os golpes de violência, a raposa no tarô representa algo ameaçador, astuto ou enganoso, a raposa então vai simbolizar o trauma internalizado, A violência do agressor se torna uma figura mítica que a persegue mesmo na intimidade do próprio corpo. e pode ser muito bem relacionada com a figura do pai da narradora, o retratando como alguém em que ela não sabia o que esperar ao mesmo tempo que

“tentava” demonstrar afeto “disfarçado de manipulação” ele também poderia ser violento, grosseiro. Outro aspecto a ser notado é a palavra “insônia”, que surge isolada, quase como um diagnóstico emocional, a narradora vivendo em constante alerta, preocupada que no momento em que ela feche seus olhos algo de “ruim” lhe aconteça. Quando ela diz: “Tomo o resfenol, apago, obrigada.”, há uma ironia amarga, o resfenol é um remédio para gripe, mas que também serve para “forçar” o corpo a dormir, conseqüentemente significa que ela não dormiu de forma tranquila, apenas “apagou” é mais como desligar, “sumir por algumas horas” para escapar da mente, como quando ao dormir as pessoas recordam de como foi seu dia, emoções vividas, memórias do passado. De certo modo a narradora não pretende, ao fechar seus olhos, ter de volta essas lembranças dolorosas, e, por meio de medicamentos, ela vê um “escape”, retratando milhares de mulheres que buscam algo para escapar da realidade dura pela qual vivem ou já viveram. O “obrigada” final carrega sarcasmo e cansaço, como se dissesse: “só consigo descansar assim, dopada”. O trecho apresenta uma ansiedade profunda, traumas, um misto de sentimentos, como angústia, revolta que podem ser sentidos através da leitura, principalmente por quem viveu esse tipo de situação ou presenciou.

4. Recordações e feridas: O papel da memória no conto “Anis”

Se você conta uma história que lhe maltrata, uma memória ruim, o peso e o sofrimento vão aliviando com o tempo, e que apesar da história ser sua, talvez você não tenha ouvido em voz alta, e sabe como é, os poemas às vezes fazem mais sentido ou causam mais impacto quando os declamamos.

Monique Malcher, *Camadas das Memórias em Lágrimas*

As lembranças presentes no conto não são lineares, surgem como flashes, Malcher constrói narrativas em que as recordações são elementos centrais presente em “Anis”, essas memórias expostas misturam-se com o passado e o presente, além de expor as dores, desejo de vingança e de cura. O texto apresenta recordações que não seguem um sentido direto, refletindo como esses traumas retornam na memória da vítima. Um dos momentos significativos presente no conto e quando a narradora evoca uma lembrança de sua infância:

Lembra daquele dia? Tinha dez anos, você sorriu pra mim, estava dentro do meu quarto ouvindo música no fone, não escutei você chamar, segurou minha mão, me levantou com um puxão que quase deslocou meu braço [...] e você chuta minha costela, grito “para!” e você continua.” (Malcher, 2020, p. 69, 70)

Nesse trecho, a lembrança é marcada pela violência e pelo contraste entre a infância e o abuso paterno. Essa memória segue a linha de pensamento de Hooks (2018, p. 56) quando propõe o termo “violência patriarcal” para substituir o termo “violência doméstica”, onde Hooks afirma que a violência dentro do lar não é um problema individual, mas estrutural, na qual autoriza o homem a exercer o poder e controle sobre os outros, especialmente mulheres e crianças. O trecho de *Anis*, em que ocorre a agressão da figura paterna, revela o tipo de violência que Hooks descreve. Essa construção social de dominação masculina pode ser aprofundada com reflexões de Beauvoir (2009) na qual ela argumenta que o poder do homem não se baseia apenas na força física, mas na estrutura cultural que legitima seu domínio sobre a mulher. Segundo Beauvoir (2009, p. 57) “[...] Se o respeito ou o medo que inspiram a mulher impedem o emprego de violência contra ela, a superioridade muscular do homem não é fonte de poder[...]”. Tal afirmação evidencia que essa concepção amplia debates de como a violência se torna um produto da dominação masculina, ademais o domínio masculino não é apenas força física, porém é uma estrutura do patriarcado, o poder masculino é exercido para silenciar e controlar, no conto a figura masculina transforma o medo em um instrumento de controle, como observa a autora, a superioridade física não é causa, mas consequência do sistema de dominação. A lembrança da cena evidencia um espaço familiar que está longe de ser um refúgio, torna-se um lugar de memórias traumáticas, onde a impunidade perpetua

ciclos de dor e silêncio. A narradora chama esse episódio de agressão de um de seus velórios, indicando que uma parte dela morreu naquele momento, o que explica os gatilhos ligados a suicídio presentes no conto de forma recorrente.

A narradora também apresenta recordações incertas e sem clareza, que expressam dúvida, confusão mental e emocional de uma possível lembrança de abuso sexual, a dúvida e o medo dessa possível memória persistem na vida adulta, mostrando como as recordações de violência psicológica se prolongam causando confusão mental na vítima. Essa lembrança e dúvida remete ao que Soler (2007, p. 9) fala sobre a *Fantasia do trauma*, na qual aborda sobre a incerteza, na qual essa fantasia busca dar sentido ao que foi incompreensível no momento que ocorreu. Soler afirma que o trauma sempre deixa algo que não pode ser plenamente lembrado, assim, o sujeito vive na dúvida, entre o que realmente aconteceu. No trecho em que a narradora diz:

Todos os dias, fico me perguntando se me tocou inadequadamente, não lembro de tanta coisa, tenho medo de que isso tenha acontecido. Lembro de ver seu pênis de relance.” (Malcher, 2020, p. 70)

Observa-se, essa incerteza traumática exposta por Soler, a narradora não se lembra do que de fato ocorreu, não tem certeza das lembranças, há uma lacuna na memória, um vazio que ela tenta preencher. Essa dúvida não é apenas o esquecimento, mas um efeito da Fantasia do trauma, na qual a lembrança e a imaginação se misturam, que leva a compreensão que essa confusão mental de lembranças pode ser uma forma de defesa da mente diante da violência. Soler (2007, p. 9) ainda discute a ideia do “trauma imaginário” essa reflexão pode ser observada no conto quando a dúvida dessa lembrança incerta assombra a narradora até a vida adulta, a incerteza do que de fato ocorreu a violência, evidencia o pensamento da autora: O inconsciente traz as lembranças para dar forma a uma dor cuja origem permanece incerta. Diante do exposto, a memória aqui não é uma certeza, mas reconstrução de um passado que se perdeu entre o real e o imaginário.

Em *A Interpretação dos Sonhos*, Freud (2012, p. 19-20) discorre que os sonhos desde o tempo primitivo, formam a base da consciência humana “[...] Eles supunham que os sonhos estivessem relacionados com o mundo dos seres sobre-humanos, na qual acreditavam e trouxessem revelações da parte dos deuses e demônios [...]”. Mas, isso nada mais é que seus desejos e vontades sendo manifestados através da imaginação, são manifestações do inconsciente, desejos reprimidos, medos e conflitos internos. Os sonhos são outras formas de memórias retratadas no conto, esse trecho é marcado por um emocional destruído. Na qual, a

narradora expressa um sentimento de desprezo e desejo de vingança contra a figura masculina.

Eu lhe desprezei cada minuto que estivemos perto, mas tiveram noites que sonhei que esfaqueava seu peito e no final era o meu perfurado, tantas e tantas vezes, mas já era, sempre foi. (Malcher, 2020, p. 70)

As violências sofridas pela vítima, ocasionou nela o desejo reprimido de vingança, na qual ela sente raiva e vontade de revidar. O ato de “esfaquear o peito” do outro, mas acaba ferindo a si própria, simboliza um conflito interno da narradora, na qual, o ódio se volta contra si mesma no seu subconsciente. Além de levar a reflexão de como ela não tem coragem ou meios para se vingar, então o corpo e o inconsciente encontram formas de manifestar esse desejo. É como se o corpo dissesse, através dos sonhos, que ainda sente raiva, ainda quer vingança. Essa prática pode ser descrita pelos pensamentos de Freud, na qual, os antigos acreditavam que os sonhos vinham da parte dos deuses e demônios, mas ao refletir sobre, conclui-se, que os sonhos não vem de fora (deuses ou demônios), mas do interior, como um reflexo de seus desejos, medos e vontades reprimidas. Assim, a narrativa mostra que os sonhos não são uma mensagem divina dos deuses, mas do inconsciente, uma materialização de uma dor reprimida do interior de uma mulher ferida.

Amor foi uma vontade de criança, me sinto um ser humano ridículo por ter almejado por um período conscientemente e por outro inconscientemente que você me amasse muito, porém esse homem tão comum que habita nas esquinas é você, e esse você nunca seria capaz de amar uma mulher. (Malcher, 2020, p. 70, 71)

No trecho acima a narradora revela uma ferida emocional, ligada à memória afetiva e desejo por amor de uma criança que foi ferida, o trecho mostra a desilusão de um amor que foi idealizado ainda na infância. Segundo Kuss (2015, p. 24) “[...] O desejo é efeito de uma falta. Não de uma falta qualquer, mas da insuperável falta que é a marca da incompletude [...]”. Em suma, o desejo é a falta daquilo que não se tem, na passagem “amor foi uma vontade de criança, me sinto um ser humano ridículo por ter almejado por um período conscientemente e por outro inconscientemente que você me amasse muito” (Malcher, 2020) mostra um sentimento que nasceu ainda na infância ao mesmo tempo que a narradora expressa a desilusão de um amor idealizado, mas ao crescer a narradora percebe a divergência entre o amor desejado e a realidade masculina, na citação “esse homem tão comum que habita nas esquinas é você, e esse você nunca seria capaz de amar uma mulher” (Malcher, 2020) simboliza a essência masculina na incapacidade afetiva diante do desejo feminino de ser amada e reconhecida. De acordo com Zanello (2022, p. 43), “[...] ser colocada na prateleira do

amor torna as mulheres extremamente vulneráveis, visto que, se é necessário “ser escolhida”, nem sempre importa tanto quem as escolha.[...]”. Ou seja, as mulheres no subconsciente acreditam que ocupam um lugar, na qual elas pensam que seu valor está no de ser escolhida e amada não importa por quem. Essa lógica pode ser observada na passagem do trecho de “Anis”, na qual revela o desejo da narradora de ser amada na infância, ou seja, antes da consciência crítica, reforçando que o valor feminino é medido pelo reconhecimento masculino, mesmo quando esse reconhecimento parte de um homem comum. Esse sentimento emocional, se torna compreensível quando entendemos que ela foi ensinada a desejar não o amor em si, mas o lugar de ser escolhida. Assim, a vergonha expressada pela narradora não fala apenas de um sentimento individual, mas mostra a consequência de um sistema que ensina as mulheres esperarem a escolha masculina mesmo quando essa escolha afeta sua autoestima.

Na obra *Mulheres Que Correm com os Lobos*, Clarissa Pinkolas Estés, faz uma analogia entre mulheres e lobos, na qual a autora associa que assim como os lobos as mulheres compartilham uma natureza vital e resistente ligadas ao coletivo. Segundo Estés (1994, p. 9) “[...] lobos saudáveis e as mulheres saudáveis têm certas características psíquicas em comum: Os lobos e as mulheres são gregários por natureza [...]”, ao fazer a associação entre mulheres e lobos, a autora reforça que a saúde psicológica feminina está ligada a vida em grupo, a convivência e o apoio, a amizade e companheirismo entre mulheres surge como uma condição natural de fortalecimento e apoio, na qual mostra que um ser individual isolado fica fragilizado aos olhos do mundo. A cena narrada a seguir em *Anis*, observa-se uma lembrança de um momento do cotidiano, a priori um momento simples, no entanto, a autora utiliza essa cena doméstica para revelar aspectos mais profundos da subjetividade feminina, da memória sensorial e das relações entre mulheres. Essa simples lembrança de ida ao mercado serve como um gatilho de reviver algo agradável em meio às turbulências e memórias traumáticas vivenciadas pela narradora. Malcher nesse trecho traz um ambiente doméstico, na qual revela características complexas das relações entre mulheres, principalmente nos aspectos mais profundos da subjetividade feminina, esse momento simples e afetivo vivido com amigas evidencia a força dos laços femininos.

Na última vez que fiz supermercado, pensei que seria bom comprar açúcar mascavo, minhas amigas casadas me ofereceram essa delícia, a gente mergulhou morango em um pote de sorvete cheio desse açúcar marrom, que parecia paçoca esfarelada, foi tão bom. (Malcher, 2020, p. 71)

O açúcar mascavo no conto serve como uma metáfora sobre o desejo de reviver um momento agradável, a lembrança do açúcar mascavo, do morango e o pote de sorvete evoca uma sensação de doçura, conforto e nostalgia em meio ao caos de lembranças traumáticas, a escolha do açúcar mascavo não é por necessidade, mas por evocar uma lembrança prazerosa do passado com as amigas, isso revela como momentos simples podem ser carregados de significados. Essa experiência narrada em “*anis*” e o pensamento de Estés evidencia que a natureza coletiva se expressa em gestos simples, essa memória de afeto e doçura, mostra que assim como lobos vivem em matilhas, a saúde das mulheres também se manifesta na convivência em grupo, principalmente no pertencimento entre mulheres, no conto, à amizade feminina funciona como uma matilha simbólica, na qual a narradora encontra proteção e afeto em momentos simples com as amigas.

CONCLUSÃO

“Anis” é um conto que nos leva a compreender os mais profundos sentimentos internos vivenciados por mulheres, a narrativa é carregada por melancolia e sensibilidade, na qual, compreende-se como a violência vivenciada traz consequências e danos psicológicos na vida da narradora. Ao longo do conto, observa-se um misto de sentimentos internos, no qual a personagem transita entre dor, revolta e desejo de aniquilação, fica evidente aquilo que na psicanálise freudiana, pode ser compreendido como um processo de simbolização do trauma, no qual narrar torna-se uma forma de reinscrever a experiência vivida. Assim, a escrita assume uma função que ultrapassa o registro do sofrimento, configurando-se como um espaço de elaboração emocional, em que aquilo que era indizível passa a ser expresso e simbolizado. Ainda que as marcas da violência permaneçam, a personagem não se apresenta apenas como vítima, mas como sujeito em processo, que, ao narrar sua própria dor, rompe o silêncio e produz sentidos sobre sua história

Neste sentido, constata-se que os objetivos foram alcançados ao eleger o conto “Anis” como objeto de estudo, reconhecendo a importância de produções literárias oriundas da região Norte do Brasil e escritas por mulheres paraenses, além do estudo contribuir de maneira significativa para a valorização e visibilidade de autoras femininas desta região, na qual, o trabalho reafirma a importância de ampliar as vozes femininas regionais no espaço acadêmico. A interpretação do conto foi realizada de uma perspectiva crítica, permitindo a compreensão de como a narrativa do conto se constrói, a linguagem sensível e simbólica, a violência explícita e como isso se internaliza no sentimento profundo da narradora. O estudo revela que a violência não se manifesta de forma explícita, mas de forma implícita e também psicológica, refletindo no medo constante, na sensação de ameaça. Ademais, a literatura tem um papel político e social, observa-se, que ela vem como um espaço para denúncias. O conto evidencia que a escrita pode operar como um gesto de resistência, na medida em que rompe com o silenciamento imposta às mulheres e permite a ressignificação das experiências traumáticas.

O presente trabalho teve como contribuição efetiva tanto para a sociedade quanto para a comunidade científica, uma vez que foi especialmente fundamentado teoricamente interpretado e analisado. No quesito social sua colaboração está na visibilização da violência contra mulher através dos relatos vividos pela narradora descritos no conto *anis*, ajudando a romper com o silêncio vivido pelas mulheres vítimas de violência doméstica, e também com

práticas que são consideradas “normais” principalmente no âmbito familiar. Com isso, ampliando o conceito de que não são casos isolados e que deve ser visto como um problema estrutural ligado às desigualdades de gênero, na sociedade patriarcal a qual vivemos. Com relação à comunidade científica, o trabalho aborda essa “quebra” de estereótipos sobre a literatura amazônica, que vai muito além da amazônia “exótica” reconhecida apenas pela sua vasta floresta e os seres mitológicos que nela “habitam”, considerando assim a importância de romper com essa visão, visto que o conto *anis* é cercado de uma realidade dura e crítica, vividas pelas mulheres amazônicas, mas que reflete também o cotidiano de muitas outras mulheres.

Portanto, a escrita de Malcher no conto “anis”, revela que a travessia da narradora não se resolve em superação plena, mas em um movimento contínuo de enfrentamento, no qual a memória, a linguagem e o inconsciente se entrelaçam. Nesse percurso, a narrativa literária se afirma como espaço de transformação, no qual o trauma, antes vivido como ferida, é reelaborado como discurso, abrindo caminhos para a construção de novas formas de existência e de sentido.

REFERÊNCIAS

- BEAUVOIR, Simone. **O segundo Sexo**. 2.ed - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BOURBEAU, Lise. **As cinco feridas emocionais: Como superar os sentimentos que impedem a sua felicidade**. Rio de Janeiro: Sextante, 2017.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem**. Tradução de Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- Freire Furtado, R.; Da Costa Oliveira, K. L.; Del Castilo, L. H. M. **Entre Rios, Barcos e Redes: Um Estudo do Conto Boca de Lobo, de Monique Malcher**. *Darandina Revisteletrônica*, Juiz de Fora, v. 16, n. 2, p. 120–135, 2023. DOI: 10.34019/1983-8379.2023.v16.40947. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/darandina/article/view/40947>. Acesso em: 2 fev. 2026.
- FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos**. Tradução de Renato Zwick. Porto Alegre, RS: L&PM, 2012.
- HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.
- KEHL, Maria Rita. **Deslocamentos do feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade**. São Paulo: Boitempo, 2016.
- KOCH, I. V. Elias, V. M. (2010). **Ler e compreender: os sentidos do texto**. (3ªed.) São Paulo: Contexto.(pág 26)
- KUSS, Ana Suy Sesarino. **Amor, desejo e psicanálise**. Curitiba: Juruá, 2015.
- MALCHER, Monique. **Flor de gume**. 1.ed. São Paulo: Pólen, 2020.
- MALCHER, Monique. (2025). **Monique Malcher**. In Festa Literária Internacional de Paraty (FLIP). Disponível em: <https://flip.org.br/autor/monique-malcher/> . Acesso em: 02 nov. 2025.
- SOLER, Colette. **De um trauma ao outro**. Rio de janeiro: Jorge Zahar, 2007.

SOLNIT, Rebecca. **A mãe de todas as perguntas**. Tradução de Isa Mara Lando. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

ZANELLO, Valeska. **Prateleira do amor: sobre mulheres, homens e relações**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2022.